



Registros de debates online da Repep durante a pandemia. Acervo Repep

Sobre a reep

A Rede Paulista de Educação Patrimonial - Repep é um coletivo de profissionais na área de cultura e educação.

Desde 2014, constrói ações de valorização da memória coletiva e do patrimônio cultural e formação em educação patrimonial.

Em julho de 2023, a Repep foi reconhecida como **Ponto de Memória** pelo **Ibram**.

Acesse nossos princípios de educação patrimonial e estatuto no site.

Somos educadores, historiadores, geógrafos, arquitetos, cientistas sociais que trabalham nas redes de ensino, em prefeituras, órgãos de preservação, museus, universidades, estudantes de cursos de graduação e pós-graduação, pesquisadores, profissionais liberais e integrantes de movimentos sociais.

((repep ao vivo)) e os aprendizados da pandemia

por **Anaclara Volpi Antonini**, geógrafa e educadora desde os primórdios da Repep, também fez parte do Inventário do Minhocão.

Desde o começo de 2020, a pandemia de covid-19 mudou a dinâmica de muitos coletivos e com a Repep não foi diferente.

Ao longo daquele ano, fizemos diferentes lives para continuar a atuação da rede no período em que as atividades presenciais foram reduzidas para conter a propagação do coronavírus.

O que poderia ser visto inicialmente como limitação, acabou se tornando uma grande potência com encontros virtuais, os **((repep ao vivo))**, que possibilitaram diferentes debates sobre educação patrimonial, memória e identidade.

Mediadas por integrantes da Repep e com convidadas de diferentes áreas de atuação, **as lives despertaram reflexões sobre temas como educação e patrimônio cultural, disputas em torno de estátuas e monumentos, direito à cidade, turismo e movimentos sociais, inventários participativos de referências culturais e licenciamento ambiental.**

A interação com pessoas e coletivos de diferentes regiões do Brasil permitiu ultrapassar as fronteiras do estado de São Paulo nos debates e na participação do público.

Todos os debates virtuais estão disponíveis no **canal da Repep no Youtube**. O canal da Repep também foi disponibilizado às pessoas do grupo para uso durante as ações da Jornada do Patrimônio em 2020 e 2021. Além disso, estamos organizando playlists com indicações de outros registros nossos!

Estátuas, não podemos ficar parados

Um desses encontros virtuais foi o "[Estátuas, não podemos ficar parados](#)", desencadeado pelos debates relacionados à derrubada da estátua do bandeirante Borba Gato semanas antes.

Situada na zona sul da cidade de São Paulo, a estátua foi e continua sendo objeto de questionamento por homenagear a figura de um bandeirante que representa os grupos que percorreram o interior do país atuando na captura e na escravização de indígenas.

Além do caso da estátua de Borba Gato, a live ampliou o debate tratando dos discursos por trás das homenagens materializadas no espaço urbano, como estátuas, monumentos e nomes de ruas, entre outros.

O ((repep ao vivo)) foi realizado no dia 7 de julho de 2020 e teve a participação de Philippe Arthur, historiador e integrante do coletivo Passeando Pelas Ruas, e de Nabil Bonduki, arquiteto-urbanista e professor da Universidade de São Paulo.

A seguir, reeditamos o texto lido na live, produzido pelos mediadores da Repep.



Manifestação de julho de 2021, do grupo identificado como Revolução Periférica ateou fogo na estátua do Borba Gato, na zona sul de São Paulo (SP). Foto: Reprodução de Revolução Periférica - Instagram.

Por que Patrimônio?

por [Igor Santos Valvassori](#) e [Mariana Kimie Nito](#). Igor é membro da Repep desde 2019 e pesquisa relações raciais e memória. Mariana atuou nos inventários participativos da Repep e no GT Brasilândia Ó.

Uma estátua pode cair sob vontade do Estado, sob Decreto. Não é isso que está em discussão. Monumentos e patrimônios já foram derrubados. Seja em guerras, seja no que se chama de "Terror", por incêndios, negligência do Estado, crimes ou por revoluções. Os cursos de rios foram modificados, retificados e invertidos.

Um morro inteiro já foi derrubado em nome da sanidade da cidade. Pessoas são despejadas de seus lares por conta de determinações judiciais e do direito à propriedade.

A questão é: Quais são as vozes políticas que reivindicam a salvaguarda do patrimônio e a legitimidade de interpretação do passado?

O questionamento se devemos ou não derrubar estátuas guarda, então, seus vícios e armadilhas. Ainda mais se considerarmos que na organicidade do movimento, ou na pulsão da revolução, não há amplo debate para se estabelecer atos como esse. Entre tantos outros, a derrubada de uma estátua pode ser o desfecho. Um ato radical necessário e que tarda a acontecer.

A estratégia é para colocar em movimento a mudança e permanecer com a vida. A vida que não pode virar estátua! A vida, que é manipulada e facilmente descartada. É a constante violação de direitos humanos que não pode seguir e deve ser derrubada e enfrentada a todo momento.

Derrubar estátuas, ou não, é uma pergunta a ser feita, portanto, no âmbito da reflexão livre, acadêmica ou do Estado. Na pulsão de um protesto ou ação, que visa ampliar direitos, lutar por uma vida

continua>>

Agenda

28.10 | 15h- **Oficina Devolutiva Inventário Participativo TICP Jaraguá-Perus-Anhaguera**

Evento presencial da Repep na Rua dos Vitoriosos, 63- próximo a UBS Jardim Rosinha

30.10 | 14h- **Santo Dias Presente!**

Ato em homenagem ao operário Santo Dias da Silva, assassinado há 44 anos pela política militar de São Paulo durante greve de operários na capital.

Rua Quararibeia, 200- Vila Isa
Transmissão ao vivo:

[Sociedade Santos Mártires](#)

Lugares de Memória dos Trabalhadores

Quem foi Santo Dias? Por que foi assassinado? Em que contexto?

Confira [texto](#) de Anaclara Volpi Antonini no Laboratório de

Estudos de Histórias dos Mundos do Trabalho- LEHMT.

Expediente

Comissão editorial Repep
Anaclara Volpi Antonini, João Lorandi Demarchi, Mariana Kimie Nito e Regina Bortoto

Apoio

Simone Scifoni e Levi Andrade,
FFLCH/USP

solidária, livre e justa para todas as pessoas não devemos solicitar protocolarmente uma autorização. De toda forma, guarda sua relação com o Estado ou com a mediação política. E já a descartamos.

Pois sim, podemos derrubar estátuas!

Chegamos, então, aos escravocratas, aos colonizadores, aos ditadores, aos machistas e ao poder deles que ainda emana em nossa sociedade.

É sabido que a representação, na forma de estátuas, não guarda uma única “verdade” histórica, seja em relação ao fato ou à representação física que se materializa, como vestimentas, estatura etc. **O que hoje alguns querem conservar é fruto de uma narrativa forjada e bem específica. Caso uma representação no espaço público seja derrubada, se formos falar em perdas, não seria uma perda daquela “verdade” histórica.**

Diante disto, então, qual a especificidade do momento atual?

O amplo questionamento desses referenciais na paisagem urbana é feito, pois essas estátuas e nomes são naturalizados em nosso cotidiano. E não há mediação, placa ou informação que seja capaz de mudar ou transformar completamente o sentido da permanência desses elementos em nossa sociedade.

A partir dos movimentos de luta antirracista, esse tema ganha destaque e relevância. Há um espanto em alguns, neste momento. Diante do espanto, está a queda de referenciais, de narrativas consolidadas, mas que compactuavam com o horror da escravidão e com o saque da colonização, e, dessa forma, com sua espinha dorsal: **o racismo de ontem ou de anteontem, e que alimenta o de hoje.**

Estátuas, não podemos ficar parados. Qual caminho seguir?

Mais sobre o assunto

Destacamos alguns textos que contribuem para a reflexão sobre as memórias materializadas no espaço público.

PINA, Rute. [Entrevista - “Apego aos bandeirantes tem fator xenóforo”, diz historiadora sobre estátua de Borba Gato.](#)

MENEZES, Hélio. [Mandar os malditos embora.](#) Folha de S.Paulo, 19 jun. 2020.



REDE PAULISTA DE
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

repep.fflch.usp.br
repep.fflch@gmail.com

[insta /repep_edupatrimonial](#)
[faceb /repep](#)